

MODO DE VIDA E TERRITORIALIDADE: COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MATÃO/PB

Simone Rodrigues dos Santos Gomes¹
Josué da Costa Silva²

RESUMO

O objetivo deste resumo é analisar o modo de vida e a cooperação do viver comunitário da comunidade Quilombo do Matão/PB. Esta reflexão foi estimulada pelo desenvolvimento de trabalhos de campo com a comunidade quilombola do Matão localizado no município de Gurinhém, na mesorregião do Agreste Paraibano. A metodologia adotada para esta pesquisa teve como escolha os fundamentos teóricos da Geografia Cultural e da Geografia Humana. A partir das narrativas dos moradores da Comunidade quilombola do Matão, foi possível perceber as experiências vividas e alicerçadas nesse território como modo de vida ligada ao coletivo. O trabalho nos permitiu compreender como se desenvolve o modo de vida e a cooperação comunitária no Matão, destacando suas práticas rurais, os artesanatos e culinária que são bem presentes na comunidade. Com base na análise, é possível inferir que a terra é recurso para sua existência e que na territorialidade quilombola se vive um modo de vida que prioriza a cooperação comunitária.

Palavras-chave: Modo de vida, cooperação comunitária, Coletividade, Quilombo.

ABSTRACT

The objective of this expanded summary is to analyze the way of life and cooperation in community living in the Quilombo do Matão/PB community. This reflection was stimulated by the development of fieldwork with the quilombola community of Matão located in the municipality of Gurinhém, in the Agreste Paraibano mesoregion. The methodology adopted for this research was chosen based on the theoretical foundations of Cultural Geography and Human Geography. Based on the residents' narratives of the Quilombola Community of Matão, it was possible to understand the experiences lived and based on this territory as a way of life linked to the collective. The work allowed us to understand how the way of life and community cooperation develops in Matão, highlighting its rural practices, crafts and cuisine that are very present in the community. Based on the analysis, it is possible to infer that land is a resource for their existence and that in quilombola territoriality they live a way of life that prioritizes community cooperation.

Keywords: Way of life, community cooperation, Community, Quilombo.

¹ Mestranda (PPGG/UNIR), graduada em Licenciatura em Geografia (UEPB), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR). E-mail: simogurinhem@gmail.com

² Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNIR. Mestre e doutor pela USP. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas (UNIR). E-mail: jcosta@unir.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo se relaciona com o percurso que vem sendo desenvolvido na pesquisa de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, cuja trajetória, no tocante a esta temática, é resultado do trabalho de campo realizado em janeiro de 2023.

Esta reflexão foi estimulada pelo desenvolvimento de trabalhos de campo realizados com a comunidade quilombola do Matão localizada no município de Gurinhém, na mesorregião do Agreste Paraibano. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar o modo de vida e a cooperação do viver comunitário da comunidade Quilombo do Matão/PB.

Segundo Grünewald (2011), a denominação Matão se refere a uma área bem mais ampla que a cidade de remanescentes quilombolas, a qual se estende além da fazenda Matão, localizada próximo ao município de Ingá-PB. Este espaço é conhecido pelos habitantes da comunidade como “Matão de Dona Rosita”. Já o espaço que a comunidade quilombola ocupa é conhecido na região como “Matão dos negros”.

Para tanto, utilizamos narrativas dos próprios moradores da comunidade, assim, os diálogos aqui inseridos são muito importantes, pois são registros históricos de um povo que por muito tempo foi silenciado pela sociedade da qual faz parte.

Os modos de vida de povos tradicionais representam uma forma de resistência contra as ideologias e relações capitalistas que são postas de forma autoritária e manipulada. Assim, a forma como os moradores das comunidades quilombolas vivem e percebem o espaço, mediados pelos conjuntos de práticas cotidianas e por sua história, posição que ocupa na sociedade envolve a forma específica de assegurar sua reprodução social, constituindo o modo pelo qual o grupo social manifesta sua vida. Suzuki (1996) nos afirma que “o modo de vida se define pela forma como os moradores percebem, vivem e concebem, em específico, o espaço” (p. 179).

Desta maneira, o modo de vida de uma comunidade quilombola se destaca pela relação que possui com a natureza, pois o território é composto de significados que impulsionam a comunidade a se reproduzir e manter seu laço de parentesco. Tais relações e modos de organização dos grupos os mantêm na situação de populações tradicionais, ou seja, esses grupos constroem territorialidades através das relações diferenciadas nos territórios e no modo de vida.

Segundo Lopes (2021), o indivíduo se situa no mundo não se afirmando contra o “outro” e contra aquilo que supostamente não lhe diz respeito, mas se percebendo como uma parte da Natureza, força ativa que estabeleceu e que conserva a ordem natural de tudo que existe.

Portanto, analisar o modo de vida da comunidade quilombola do Matão é vivenciar, através das narrativas dos moradores, os saberes dos seus ancestrais, das quais são transmitidas de uma geração para outra, e é assim que chegam até aos dias atuais.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta pesquisa teve como escolha os fundamentos teóricos da Geografia Cultural e da Geografia Humana. A partir das narrativas dos moradores da Comunidade quilombola do Matão, foi possível perceber as experiências vividas e alicerçadas nesse território como modo de vida ligada ao coletivo.

A comunidade Quilombola do Matão está distante da capital do estado da Paraíba (João Pessoa), aproximadamente 80 km, fica situada a cerca de 3 km, seguindo pela BR-230, por uma estrada de terra em boas condições e sem maiores relevo ou estragos. A comunidade Quilombola encontra-se localizada perante às esferas político-administrativas dos municípios de Mogeiro e Gurinhém.

Geograficamente, o território que hoje compreende a área pertencente à Comunidade do Matão diz respeito ao município de Mogeiro, mas os serviços básicos como saúde e educação são oferecidos pela administração de Gurinhém, contudo, isso não configura atrito entre os dois municípios.

A Comunidade Quilombola do Matão era definida pelas instruções normativas do INCRA/MDA nº 20, de 30 de setembro de 2005, e nº 49, de 29 de setembro de 2008, como parte substantiva do processo de regularização fundiária que foi encaminhado pelo Instituto, conforme decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Depois de muita luta, em 2020, aconteceu a fase final do procedimento de emissão do Incra na posse do imóvel e a concessão de um título coletivo e inalienável de propriedade à comunidade em nome de sua associação dos moradores com registro no cartório de imóveis.

Tradicionalmente, a ciência geográfica tem se mostrado materialista e descritiva na análise dos dados coletados. Por isso, a escolha pelas fontes orais está ligada à tradição das narrativas populares das classes não letradas. A observação direta do testemunho (olhos e

ouvidos) está diretamente ligada à tradição da escrita, uma vez que “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de tradição oral” (Xavier Filho, 2021, p. 2). Nesse sentido, foi possível reconhecer nas falas dos quilombolas do Matão os vínculos existentes entre os grupos humanos dos povos tradicionais que foram e ainda são afetados até hoje por uma sociedade racista e preconceituosa.

A memória acessada através das narrativas, a partir da oralidade, expõe o sujeito às lembranças daquilo que pode ser expresso através da linguagem. É na técnica de reviver as lembranças que o indagado muitas vezes se descobre indivíduo, com identidade, sujeito da história, que interpreta os encontros e desencontros que a vida apresenta nas suas interpretações nos espaços de lutas.

Segundo Dardel (1952), é nos lugares onde se vive e é através do manejo dos campos, rios e pradarias, no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas, que o homem externa sua relação fundamental com a terra.

As atividades de agricultura, pecuária e pesca têm destaque. A primeira atividade rural a ser apontada é a agricultura, na qual a técnica praticada é o sistema de coivara, uma forma de cultivo da terra para o preparo do plantio de feijão, milho, fava e macaxeira. Nota-se que este tipo de prática garante a conservação do ambiente. No mês de março, por exemplo, os agricultores se preparam para a plantação, que, segundo relatos dos moradores, dura 90 dias. A plantação inicia no mês de março para colherem no mês de junho, período das festividades juninas no Brasil e, na Região Nordeste, é a festa mais esperada do ano, pois como eles mesmos dizem: “é o período de fartura para nós agricultores”.

Na pesquisa de campo, foi possível observar diversas plantações, como roças de mandioca, pois, no mês de janeiro, ainda não havia chegado a chuva para o plantio de milho, feijão e fava, que são mais comuns na região. Os jovens da comunidade, em sua maioria, trabalham em outras cidades, ficando o cultivo do plantio para os mais velhos ou para aqueles que não querem sair da comunidade.

No relato de dona Zefinha³ percebe-se que, por muitos anos, sofriam com a escassez de água na comunidade e tinham que caminhar quilômetros em busca de água. Foi através da

³ moradora da comunidade Quilombola do Matão. Entrevista concedida em 22 de janeiro de 2023

associação que conseguiram fazer algumas cisternas, que hoje ajudam a comunidade a se manter com água, principalmente no período do verão. Algumas casas da comunidade possuem cisternas que, no período do inverno, juntam água das chuvas, porém são insuficientes para o total abastecimento do lugar. Ela continua dizendo:

a água neste período de estiagem é das cisternas que ao longo do inverno juntamos a água para consumir no verão ou compramos água nos carros pipas para abastecer as cisternas. (dona Zefinha, moradora da comunidade Quilombola do Matão. Entrevista concedida em 22 de janeiro de 2023).

O percurso desta pesquisa em construção nos permite perceber a amplitude desses territórios e como as pessoas da comunidade do Matão vivem o coletivo, pois, mesmo não existindo uma associação para o artesanato local, as mulheres como Maria, Andreza, Rizomar, Rosangela, Josita⁴, entre outras, fazem seus artesanatos que são vendidos na comunidade e também em outras localidades, sempre uma incentivando a outra na produção. Relata uma das artesãs:

Sinto falta de uma associação que possa nos ajudar a fortalecer o artesanato local de nossa comunidade (Andreza, moradora da comunidade Quilombola do Matão. Entrevista concedida em 20 de janeiro de 2023).

Diante do exposto, o coletivo, a cooperação e a solidariedade estão presentes nas práticas e modos sociais, culturais e políticos dos quilombos, e no quilombo do Matão não é diferente, essa vivência de coletividade está presente no cotidiano dessas pessoas.

Eu posso não gostar de uma pessoa da comunidade, mas se essa pessoa precisa de ajuda, a causa dele torna-se a minha causa. Somos assim na comunidade do Matão, uns pelos outros. (José Do Matão, morador da comunidade Quilombola do Matão. Entrevista concedida em 22 de janeiro de 2023)

Em conversa com um dos moradores, José do Matão, uma das lideranças da comunidade, nos diz ter orgulho de ser quilombola e que jamais deixará de lutar por sua comunidade, pois os seus ancestrais lutaram muito para conquistar o lugar que hoje é o quilombo do Matão.

A expectativa dos jovens na comunidade, segundo Dona Luzia, é pouca, alguns não querem mais viver do trabalho no campo, preferem ir em busca de emprego na cidade. Mesmo indo trabalhar fora, eles sempre voltam para o quilombo, que é o seu lugar, como relatam alguns jovens:

⁴ Mulheres que trabalham com o artesanato da comunidade quilombola do Matão.

Ser jovem quilombola na cidade é difícil, sofremos muitos preconceitos. Mas me orgulho de ser quilombola e não baixo a cabeça para o racismo e preconceito dos brancos, não. (Raissa, morador da comunidade Quilombola do Matão. Entrevista concedida em 16 de janeiro de 2023)

Eu gosto de ser quilombola e jamais negarei minhas raízes de onde eu sou. Não penso em ir embora daqui, porque o quilombo é o meu lugar. (Alisson, morador da comunidade Quilombola do Matão. Entrevista concedida em 16 de janeiro de 2023).

Ainda que a origem da comunidade seja remetida a um lugar específico, a partir do qual os indivíduos do grupo se identificam com a terra, o lugar que residem dá a eles um significado elaborado e sustentam os anseios de cooperação da comunidade. Portanto, é fundamental perceber a dimensão territorial que emerge como o instrumento mais adequado para lidar com a reorganização social de um grupo num território a partir da atribuição da identidade quilombola.

REFERENCIAL TEÓRICO

A comunidade rural do Matão se auto-reconhece como uma comunidade de negros, isto é, como um quilombo. Tal reconhecimento é construído historicamente a partir das relações sociais que separam os membros da comunidade de todos os outros sujeitos – vizinhos diretos ou moradores de outros lugares – com quem entram em interação.

Para Ratts (2006), mais que uma definição teórica, o quilombo é “sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade” (p. 124). Essa perspectiva leva-nos a pensar o quilombo em significação ampla de resistência negra em diversos espaços (não somente físico) e, com base em determinados aspectos do pensamento decolonial, é possível trabalhar com a noção de sujeitos – africanos/as, negros/as – e suas vozes contra-hegemônicas. É fundamental perceber a dimensão territorial – e a noção de territorialização – que emerge como o instrumento mais adequado para lidar com a reorganização social de um grupo étnico num território a partir da atribuição da identidade quilombola. Afirma Ratts (2006), citando Beatriz Nascimento:

Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. [...] A Terra é o meu

quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou (RATTS, 2006, p. 59).

A relação do quilombola com a terra é fundamental para a reafirmação das comunidades quilombolas. Estas comunidades se pensam como vinculadas ao lugar e à sua história. Uma questão importante é que a vida da comunidade nessas terras começa na liberdade; quilombo é a oposição da escravidão (no passado colonial), da servidão (imposta por oligarquias locais) e do assalariamento em épocas de agronegócios capitalistas. Na sua terra, os indivíduos são livres (autônomos) e se referem como pertencentes ao lugar (“ser negro do Matão”).

A indagação “quem sou eu?” de um indivíduo negro, em especial quilombola, tem sido estudada nos termos da identidade étnica, aliada à formação de um território. No entanto, o processo de constituição de coletividades negras, enquanto qualificadoras de um espaço, não se extinguiu em 1888 e não está restrito a territórios permanentes. O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem. Para Beatriz Nascimento, a África e o Quilombo são terras-mãe imaginadas (Ratts, 2006).

A vida da comunidade começa na liberdade: o tempo de antes é varrido da memória (que é seletiva). Eles se imaginam sujeitos do seu mundo e este começa aí. A origem da etnicidade está nesse tempo inicial de liberdade que nem se contrapõe necessariamente a qualquer situação anterior de escravidão: a liberdade é o início.

Devemos lembrar que os espaços negros (terras ocupadas) foram obtidos das mais variadas formas na escravidão e fora dela (muitos agrupamentos resultaram da ocupação de áreas devolutas após a Abolição) e é sempre um signo da liberdade. A antítese da escravidão representa um forte processo de reconhecimento da sua identidade negra no Brasil como uma autoafirmação étnica racional. Território é um espaço social que não pode existir se não houver uma sociedade que o qualifique assim. O território é um espaço socialmente produzido em um resultado da história de um grupo de humanos que ocupa esse espaço. Como afirma Barros (2016),

a memória coletiva e individual dos remanescentes de quilombo torna-se um meio para as comunidades (re)construírem e apresentarem aos outros povos e aos seus a significação histórica e cultural (BARROS, 2016 p. 55)

Notou-se que, entre os quilombolas do Matão, não existe divisão quando se trata do trabalho coletivo, todos colaboram quando há necessidade de um ajudar o outro. Existem, no território, alguns espaços coletivos dentre os quais os moradores identificam como sendo de todos, como por exemplo a Associação dos Moradores, que funciona como espaço político local onde, além de reuniões, missas, aulas, serve também de local de acolhimento para as pessoas que visitam a comunidade. O modo de vida quilombola da comunidade é marcado pelas práticas rurais, comércio local, artesanato, culinária e as tradições de danças, como a capoeira e o olodum. Para Abdias Nascimento (2019), quilombo quer dizer: reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão, existência, bem viver. Ainda,

Essa maneira de conhecer o mundo na sua complexidade é um patrimônio de todos os povos tradicionais ou pré-modernos. Cada um expressa isso através de suas línguas, mitos, religiões, filosofias e manifestações artísticas (MALOMALO, 2014 P. 95)

Dessa forma a comunidade quilombola do Matão tem a relação com o espaço vivido de sua comunidade, não de uma forma individual, mas sempre pensando no coletivo. Sua identidade cultural retrata a lembrança evocada quando se está inserido em uma sociedade, logo ela é sempre construída em grupo, pois não se constrói memória isoladamente. As memórias nos ensinam e nos orientam sobre o presente, a partir delas, podemos evocar os erros cometidos de outrora e mudar os rumos fatalmente errôneos, para uma condição melhor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Falar do quilombo e dos quilombolas significa tratar de uma luta política em construção. A invisibilização e silenciamento do pensamento negro consiste em uma das formas mais eficazes para a reprodução da alienação cultural e postergamento da emergência do pensamento crítico negro. Diante de tudo isso, o que percebemos durante o campo é que a coletividade vivenciada no quilombo do Matão é visível, todos são ou estão solidários uns com os outros. Queremos visibilizar a África no quilombo do Matão com sua negritude vivida em seu território que se torna territorialidade negra. Visibilizar é:

[...] a percepção dos limites raciais e sociais no ambiente acadêmico contraposta à situação da população negra que fez emergir projetos bastante radicais, formulados no que denomino de “textos quentes” e “falas duras” que permearam os confrontos declarados apenas em parte pelos intelectuais hegemônicos, que raramente nomeiam os(as) contendores(as), não citando-os, relegando-os com maior ou menor consciência ao esquecimento ou ostracismo. Invisibilidade negra social e discurso sem reconhecimento adequado entre os que deviam ser pares (RATTS, 2006, 42).



Ao chegarmos na comunidade quilombola do Matão, no dia 21 de janeiro de 2023, nos sentamos debaixo de uma árvore, numa tarde agradável e bem ventilada, próximo à casa de Dona Luzia. A partir daí demos início ao nosso diálogo juntamente com Dona Luzia e Seu João, sua filha Rosângela, como também a professora Gracinha, professor Josué, Salomé, Bárbara e eu. Foi uma conversa muito agradável de muitos risos e conhecimento.

A recepção dos quilombolas para conosco foi muito boa, não mediram esforços para nos ajudarem em nossa pesquisa. Durante a nossa conversa, ficamos sabendo que o José do Matão, uma das lideranças da comunidade, estava de partida para Brasília, onde iria participar de um projeto voltado aos quilombos do Brasil e iria representar os quilombolas da Paraíba. Todos na comunidade se preocupavam em fazer um momento de despedida para ele. Desde crianças, jovens, adultos a idosos, sentiam muito pela partida daquela pessoa tão querida por todos da comunidade, mas se sentiam felizes por vê-lo bem e apoiavam a sua ida. Foi a partir daí que presenciei a vivência do *ubuntu* nesse gesto coletivo da comunidade.

Imagem 1 - Momento de conversa com algumas pessoas do quilombo do Matão



Fonte: Autora. Acervo da pesquisa, janeiro de 2023.



Imagem 2 - Momento de despedida do José, uma das lideranças do quilombo do Matão



Fonte: Autora. Acervo da pesquisa, janeiro de 2023.

Através dos diálogos obtidos com os moradores da comunidade quilombola do Matão, podemos fazer um resgate da contribuição do modo de vida de como se dá essa coletividade no quilombo. Conhecer o que nos trouxe até aqui é muito importante, pois nos permite ter entendimento das modificações e evoluções que ocorreram desde o passado, dos nossos ancestrais que lutaram para que a nossa história não fosse esquecida e que a forma de pensar filosoficamente se traduzisse nos modos de vida.

Este trabalho permitiu compreender como se desenvolve o modo de vida e a territorialidade na comunidade quilombola do Matão, destacando suas práticas rurais que permitem sua reprodução no cotidiano, bem como os artesanatos e culinária que são bem presentes na comunidade. Notou-se que suas práticas territoriais revelam as múltiplas identidades contidas na maneira de existir dos quilombolas, considerados aqui por populações tradicionais, pois suas identidades, acima de tudo, representam empoderamento político, social e cultural, ou seja, são portadoras de direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos, com a pesquisa de campo e teórica, perceber o viver coletivo no modo de vida das pessoas da comunidade quilombola do Matão. Na convivência com eles durante o campo de pesquisa, mergulhamos na vivência do grupo e, a partir disso, percebemos que as lembranças de aprendizagens e as manifestações identitárias, simbólicas e de pertencimento à terra, colaboraram para a formação e a construção da territorialidade da comunidade. Foi possível perceber através das narrativas dos moradores que o meio de sobrevivência, os recursos naturais no território do Matão, também foram e têm sido de fundamental importância para a permanência da ancestralidade ainda de presença muito forte naquela comunidade. Com base na análise sobre o modo de vida e territorialidade dos quilombolas e demais moradores no território, é possível inferir que a terra é recurso para sua existência e que na territorialidade quilombola se vive uma filosofia africana, o *ubuntu*.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marta Oliveira. **Memórias de Idosos Quilombolas como Recurso Didático: Escola Básica do Quilombo de Matão-Pb**. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pós- Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, 2016.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os Negros de Matão: etnicidade e territorialização**. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2011.

LOPES, Nei. **Filosofias africanas: uma introdução** / Nei Lopes, Luiz Antonio – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia Ubutu: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019

Xavier Filho, J. L. **MEMÓRIAS, NARRATIVAS E ANCESTRALIDADE DO QUILOMBO SAMBAQUIM**. REVISTA ANTÍGONA, 1(2), 277–307. Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/antigona/article/view/11344>



XV
ENAN
PEGE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

SUZUKI, Júlio Cesar. **De povoado a cidade, a transição do rural ao urbano em Rondonópolis.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1996.